

Açaí – do roçado à floresta

A história do sistema agroflorestal da Comunidade do Arraiol do Bailique, AP

*Ana Margarida Castro Euler, Daniel Oliver Franco,
Isabelly Ribeiro Guabiraba, Talyssa Taner Lopes dos Santos,
Daiana Machado Lopes, José Cordeiro dos Santos Lopes*

Introdução

Situado no estado do Amapá, o território do Bailique é formado por uma área continental, conhecida como região do Baixo Araguari, e é composto de um conjunto de oito ilhas estuarinas localizadas no encontro do Rio Amazonas com o Oceano Atlântico, onde florestas de várzea, campos inundados e manguezais compõem um mosaico de paisagens naturais com beleza e riqueza inigualáveis. A vida nessa região é regulada pelas marés. Duas vezes por dia o rio enche e seca, trazendo e levando em suas águas os sedimentos que fertilizam as várzeas e os roçados, assim como as pessoas, as mercadorias e as notícias. Nesse ambiente singular, a 12 horas de barco da capital Macapá, vivem cerca de 10 mil pessoas distribuídas em 51 comunidades tradicionais (Amapá, 2015), as quais são caracterizadas por núcleos familiares adaptados ao convívio com a natureza, com reflexo no seu modo de produção, atividades culturais e sociais que definem uma identidade praticamente única para essa gente e essa região.

A Comunidade do Arraiol do Bailique vive em uma pequena vila às margens do Igarapé do Arraiol (Figura 1), onde residem 61 moradores, divididos em cerca de 13 unidades familiares. A comunidade é católica, a escolaridade predominante é o

ensino fundamental incompleto, porém há alguns moradores com ensino superior. A principal manifestação cultural é a Festa do Divino Espírito Santo. Desde os tempos mais remotos, os moradores sobrevivem do extrativismo da floresta e do roçado. Porém, no passado, passavam parte do ano na região de terra firme, no período do verão amazônico (junho a dezembro), para produzir farinha de mandioca. No entanto, essa realidade mudou, pois a comunidade decidiu investir no açaí (*Euterpe oleracea* Mart.).

Foto: Marcia Luzia Santos do Carmo



Figura 1. Comunidade do Arraiol do Bailique, às margens do Igarapé do Arraiol, zona rural de Macapá, AP.

Em regime de mutirão, todos os anos são trabalhadas as áreas de roçado, e essas áreas são, ano a ano, enriquecidas com espécies florestais (açaí, banana, coco, entre outras), dando origem a sistemas agroflorestais (SAFs). Além disso, a comunidade também pratica o manejo do açaí, a meliponicultura nas florestas de várzea, a bubalinocultura nos campos inundados e o cultivo de plantas medicinais e hortaliças nos girais e quintais das casas. A pesca de subsistência e a caça são as principais fontes de proteína animal na alimentação, e existe um acordo com regras para essas atividades, pois há grande preocupação com a proteção da natureza.

Neste capítulo, será apresentado o sistema agrícola tradicional (SAT) da Comunidade Arraiol do Bailique, que tem no açaí seu produto mais importante. Por esse motivo, a comunidade vem desenvolvendo um sistema próprio de manejo e melhoramento das suas práticas, por meio de parcerias para o seu aprimoramento e busca de conhecimento sobre o mercado. Além disso, pretende-se discutir os principais desafios enfrentados para a gestão do território e conservação desse SAT e, acima de tudo, valorizar os conhecimentos e práticas tradicionais, a cultura e os produtos locais.

O açaí como fator de conservação da natureza e melhoria da vida na comunidade

A Comunidade do Arraiol do Bailique desenvolveu um sistema agrobiodiverso caracterizado por plantas cultivadas nas áreas de roçado (38 espécies), nos quintais e girais das casas (34 espécies), plantas medicinais (47 espécies), extrativismo vegetal (37 espécies), bubalinocultura e apicultura. A área total da comunidade é de cerca de 4 mil hectares (Figura 2). Todo esse sistema agrobiodiverso sendo desenvolvido em um ambiente de florestas de várzea e campos inundados influenciados diariamente pelas marés devido a sua localização na foz do Rio Amazonas (Euler et al., 2017). Esse sistema é o resultado da interação histórica entre a comunidade e os ecossistemas locais, que formam paisagens culturais associadas ao açaí, por isso vamos chamá-lo SAT-açaí.

O açaí (*Euterpe oleracea* Mart.), espécie principal desse SAT, tem no estuário amazônico seu centro de origem (Oliveira et al., 2017) (Figura 3).

Há várias décadas, a comunidade trabalha o manejo dessa espécie em sistemas agroflorestais, a partir da seleção de sementes e mudas das variedades existentes na região (açaí nativo e açaí-branco) e daquelas trazidas de outras regiões do estuário (açaí-chumbinho e açaí-temporão). A prática do extrativismo vem sendo aprimorada com o manejo florestal de mínimo impacto para produção de frutos (Queiroz; Mochiutti, 2012), e essa prática foi certificada pelo Conselho de Manejo Florestal (FSC – do inglês Forest Stewardship Council)

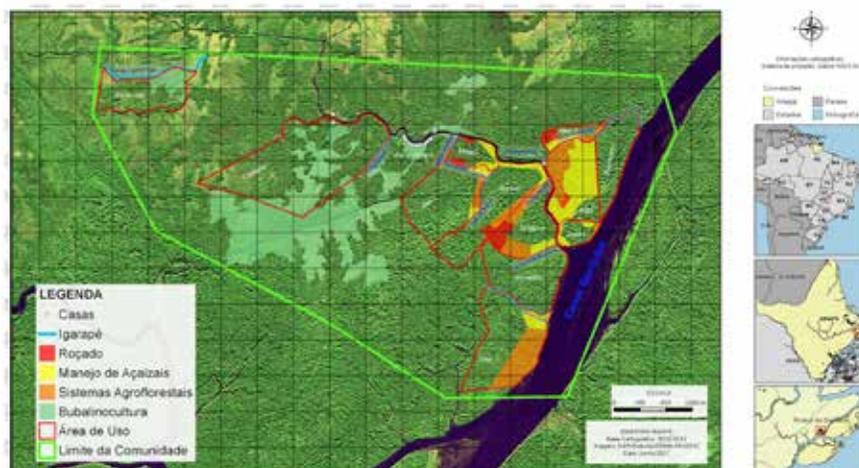


Figura 2. Mapa da Comunidade do Arraiol do Bailique, com a delimitação das propriedades dos moradores que participaram do mapeamento participativo, bem como seu uso e ocupação do solo.

Foto: Ana Margarida Castro Euler



Figura 3. Açaisais nativos.

(Imaflora, 2016). O objetivo principal do SAT-açaí é conduzir o sistema para que haja produção de frutos o ano inteiro.

De acordo com pesquisa participativa feita pela Embrapa, entre 50% e 60% da economia da comunidade vem do açaí, além de ser fonte de alimentação o ano todo (Euler et al., 2017). Outros produtos agrícolas também são importantes para alimentação e complementação de renda, com destaque para o mel, a melancia, o maxixe e o jerimum. O conhecimento e o uso de plantas medicinais são um traço importante da cultura local.

A pesca e a caça representam, respectivamente, 50% e 20% do consumo de proteína das famílias, por isso a importância da preservação de seus ambientes naturais. Os búfalos foram introduzidos por volta de 1990, por influência das grandes fazendas que existem na região, e, assim como para a caça e a pesca, há um acordo comunitário que define o limite máximo de animais por família, de forma a não impactar o ambiente (Figura 4). A venda de sua carne auxilia na geração de uma renda extra, sendo uma espécie de “poupança”.



Foto: Marcia Luzia Santos do Carmo

Figura 4. Bubalinocultura nos campos inundados.

Durante a formação da comunidade, os primeiros moradores eram detentores de grandes extensões de terra, as quais foram divididas entre seus filhos e netos. Assim as terras são distribuídas entre as famílias e seus descendentes, porém novas famílias migraram para a comunidade por meio de acordos ou casamentos. Todas as casas têm quintais e girais, onde são produzidas verduras, frutas e plantas medicinais. Existe um viveiro florestal comunitário que produz mudas de açaí, fruteiras e plantas medicinais (Figura 5). Para as famílias desprovidas de posses de terra, ocorre um acordo informal, por meio do qual elas podem produzir dentro das propriedades em troca da sua ajuda com mão de obra, nos mutirões, principalmente no período de safra, ocasião em que toda a comunidade se mobiliza.

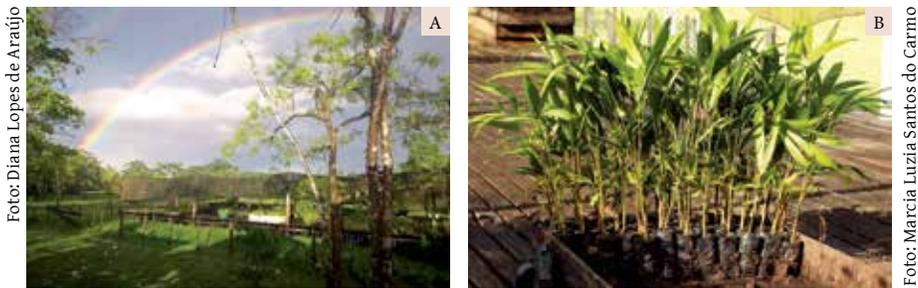


Foto: Diana Lopes de Araujo

Foto: Marcia Luzia Santos do Carmo

Figura 5. Viveiro florestal comunitário para produção de mudas (A) e mudas de açaí (B).

As atividades do roçado iniciam no verão amazônico, com o desbaste das árvores nativas e o manejo do fogo. Nos meses de agosto e setembro, são plantadas as espécies de rama (melancia e jerimum, em geral) e, em seguida, espécies como bananeiras e milho. Por fim, por volta de outubro e novembro, plantam-se os açaizeiros, espécies frutíferas e florestais com valor cultural e econômico para a comunidade, criando as áreas de SAFs (Figura 6). É importante ressaltar que grande parte das espécies cultivadas, cerca de 85%, é produzida a partir de sementes e cultivares crioulas ou introduzida de sementes livres. Tudo é produzido na própria comunidade.

A colheita ocorre ao longo do ano todo, no entanto, nos meses de outubro a dezembro, as espécies agrícolas se destacam, como melancia, jerimum, banana, macaxeira, cacau, cupuaçu, entre outras.



Foto: Marcia Luzia Santos do Carmo

Figura 6. Sistema agrícola tradicional-Açaí (SAT-Açaí) em sua fase inicial.

Na estação chuvosa, ocorre a extração de produtos como pupunha, taperebá, andiroba, macacaúba, pracuuba e pau-mulato, entretanto o destaque é do açaí nativo, cujo auge da safra ocorre entre março e junho. O açaí-temporão frutifica na entressafra (agosto a dezembro) e garante a alimentação durante o resto do ano (Tabela 1).

O SAT-açaí ocupa a comunidade durante todo o ano, assim, a depender da fase, há maior envolvimento de homens, mulheres e jovens. Os homens, que são os principais atores do sistema, fazem o planejamento da área, o corte, o manejo do fogo e a colheita dos produtos (Figura 7).

As mulheres, em geral, possuem o papel de cuidar das crianças menores e das questões domiciliares, entretanto também auxiliam caso haja alguma necessidade de trabalho no roçado. No início do casamento, é muito comum as mulheres auxiliarem em praticamente todas as atividades, sendo gradualmente substituídas pelos seus filhos. Posteriormente, elas ajudam na limpeza da roça, na coleta de produtos, na debulha do açaí, na seleção de frutos, além de fazer a

Tabela 1. Calendário produtivo da comunidade Arraiol do Bailique, Amapá.

Espécie	Nome científico	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maió	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Andiroba	<i>Carapa guianensis</i>	•	•	•	•	•				0	0	0	0
Taperebá	<i>Spondias mombin</i>	•	•			0	0	0				•	•
Pracaxi	<i>Pentaclethra macroloba</i>		•	•	•	•/0	0						
Açaí nativo	<i>Euterpe oleracea</i>	0	•	•	•	•	•	•	•	0	0	0	0
Murumuru	<i>Astrocaryum murumuru</i>	0	0	•	•	•							
Ucuba	<i>Virola surinamensis</i>	0	•/0	0	•	•	0	0	0				
Cupuaçu	<i>Theobroma grandiflorum</i>				•	•	•			0	0	0	
Cacau	<i>Theobroma cacao</i>	0			•	•	•					0	0
Macaçaúba	<i>Platymiscium ulei</i>	0	0	0	0		•	•	•	•			
Açaí temporário	<i>Euterpe Oleracea</i>		0	0	0	0	0	0	•	•	•	•	•
Pau-mulato	<i>Calycophyllum spruceanum</i>			0	•/0	•/0	•/0	•/0	•/0	•	•	•	•
Seringa	<i>Hevea brasiliensis</i>		•							0	0		
Coco	<i>Cocos nucifera</i>	x/0											
Banana	<i>Musa sp.</i>	•	•	•	•	•	•	•	x/0	x/0	•	•	•
Limão-comum	<i>Citrus sp.</i>	•	•	•	•	•							
Jerimum	<i>Cucurbita pepo</i>	•	•	•					0	0	•	•	•
Limãozinho	<i>Citrus sp.</i>												
Goiaba	<i>Psidium guajava</i>		•	•	•	•		x/0	x/0	x/0	x/0	•	•

Continua...

Tabela 1. Continuação.

Espécie	Nome científico	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maió	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Graviola	<i>Annona muricata</i>		•	•	•	•			0	0	x/o	x/o	
Mamão	<i>Carica papaya</i>	•	x/o	x/o	x/o	•		•	x/o	x/o	•	•	•
Jurubeiro-ajiru	Não identificada				•	•							
Pimentinha-de-cheiro	<i>Capsicum odoriferum</i>	0				•							
Milho	<i>Zea mays</i>	0				•							
Cana	<i>Saccharum officinarum</i>	0						0	•	•	•	•	
Melão	<i>Cucumis melo</i>					0			•	•	•	•	•
Macaxeira	<i>Manihot esculenta</i>								•	x/o			
Pepino	<i>Cucumis sativus</i>							0	x/o	•	•	•	
Maxixe	<i>Cucumis anguria</i>								0	x/o	•	•	•
Pimentão	<i>Capsicum annuum</i>								0	0	•	•	x/o
Gergelim	<i>Sesamum indicum</i>								0	0	•	•	x/o
Arroz	<i>Oryza sativa</i>								0			x/o	
Melancia	<i>Citrullus lanatus</i>								0	0	x/o	x/o	•
Feijão	<i>Phaseolus vulgaris</i>								0	0	x/o	x/o	x/o
Cará-roxo	<i>Dioscorea sp.</i>								0	0			•
Cará	<i>Dioscorea alata</i>								0				•
Abacaxi	<i>Ananas comosus</i>		•	•						0	0		
Batata-doce	<i>Ipomoea batatas</i>		•	•						0	0		
Maracujá	<i>Passiflora edulis</i>					•	•						0

Continua...

Tabela 1. Continuação.

Espécie	Nome científico	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Batata-manteiga	<i>Solanum tuberosum</i>	•						o					•
Feijão-branquinho	<i>Phaseolus vulgaris</i>							o			•		
Quiabo	<i>Abelmoschus esculentus</i>							o		•			
Limão-galego	<i>Citrus sp.</i>	x/o											
Pimenta-vermelha	<i>Capsicum sp.</i>		•	•									o
Caju	<i>Anacardium occidentale</i>	x/o	x/o										

Legenda

Espécies Florestais	
Espécies Agrícolas	
Plantio	o
Colheita	•
Plantio e Colheita	x/o
Floração	o
Floração e frutificação	•/o



Foto: Marcia Luzia Santos do Carmo

Figura 7. Senhor Dimauro no roçado.

comida nos dias de trabalho. O cuidado das plantas medicinais, dos quintais e dos girais faz parte das atividades femininas (Figura 8). Os jovens desde muito novos auxiliam na roça, e, conforme passam os anos, os homens passam a ser o apoio do pai, fazendo os trabalhos pesados, e as mulheres passam a ajudar as mães nos afazeres da casa. A pescaria, a caça e a bubalinocultura são atividades masculinas. É comum a troca de produtos entre as famílias. Por exemplo, uma pesca ou caça pode ser trocada por um legume.

A preocupação e o zelo com a natureza são um traço marcante entre os moradores. Anteriormente, na extração do palmito do açaí, ocorria a derrubada de grandes extensões de áreas. Entretanto, essa prática foi substituída pelo plantio de enriquecimento e pela condução do SAT-açaí. Segundo pesquisas (Campos et al., 2008) e relato dos moradores, a região é uma importante zona migratória de aves, além de animais raros e espécies ameaçadas ou endêmicas, entre os quais se destacam o guariba (*Alouatta belzebul*), o peixe-boi (*Trichechus inunguis*), o guará (*Eudocimus ruber*) e a tartaruga-da-amazônia (*Podocnemis expansa*).



Figura 8. Cultivo de plantas medicinais por dona Clara.

Nessa transformação de pensamento da comunidade, os moradores viram a importância da manutenção de algumas tradições fundamentais por serem parte da cultura comunitária, entre as quais se destaca o mutirão, por meio do qual ocorre a troca de experiências entre os mais velhos e os mais novos. Além disso, o trabalho com as plantas medicinais (Tabela 2) tem se fortalecido ao longo dos anos. O roçado cumpre o papel de unir a comunidade, o que acaba por auxiliar na organização social e na prática religiosa, característica do Arraiol do Bailique. A festa anual que ocorre em honra ao Divino Espírito Santo, padroeiro da comunidade, busca agradecer as produções agrícolas do ano e realizar a união com as outras comunidades do entorno, o que promove uma troca de experiências, além de comemorar a vida comunitária.

A comunidade do Arraiol do Bailique – uma história de resistência cabocla

O Arraiol do Bailique possui uma história bem antiga. Segundo relatos orais, o nome da vila teria sido dado em homenagem a um viajante

Tabela 2. Principais plantas medicinais utilizadas pelos moradores do Arraiol do Bailique.

Importância	Nome popular	Nome científico
1	Verônica	<i>Veronica beccabunga</i> L.
2	Catinga-da-mulata	<i>Tanacetum vulgare</i> L.
3	Chicória	<i>Cichorium endivia</i> L.
4	Desinflama	<i>Bryophyllum calycinum</i> Salisb.
5	Marupazinho	<i>Eleutherine plicata</i> Herb.
6	Japana-branca	<i>Eupatorium ayapana</i> Vent.
7	Pirarucu	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Kurz
8	Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.
9	Andiroba	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.
10	Pracaxi	<i>Pentaclethra macroloba</i> (Willd.) Kuntze
11	Pariri	<i>Arrabidaea chica</i> (Bonpl.) B. Verl.
12	Mastruz	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants
13	Hortelãzinho	<i>Mentha pulegium</i> L.

Fonte: Guabiraba et al. (2017).

holandês que, por volta de 1845, teria chegado àquele lugar. Entretanto o primeiro fato que marca a comunidade é datado de 1900, quando a Coroa do Divino Espírito Santo chega ao local, posteriormente tornando-se padroeiro da vila. No passado, os moradores tinham uma vida nômade e passavam parte do ano em terra firme e parte do ano na região de várzea. As casas eram dispersas ao longo do igarapé, e, na maioria, eram feitas de açaizeiros e outras espécies locais (taboca, pau-mulato, siriubeira) e cobertas com palhas, quase sempre sem paredes. Os moradores sobreviviam do extrativismo da floresta e produziam farinha de mandioca (Lopes, 2017).

Atualmente a comunidade está organizada em uma vila localizada às margens do Igarapé do Arraiol. As casas são de madeira, a maioria com mais de quatro cômodos e telhado de fibrocimento. Não existem serviços públicos de coleta de resíduos sólidos, abastecimento e tratamento de água. As famílias captam a água do rio e usam fossas rudimentares. A comunidade tem um gerador a diesel, que lhes fornece 4 horas diárias de energia. Os principais veículos de comunicação são o rádio

amador, a rádio AM/FM e a televisão com parabólica. As casas são conectadas por passarelas de madeira e, entre as moradias, existem estruturas de uso comum, quais sejam: o centro comunitário, onde se realizam eventos e reuniões da comunidade; o viveiro florestal, onde são produzidas plantas medicinais, hortaliças, mudas de açaí e frutíferas para comunidade e para venda; a casa do mel; a biblioteca comunitária, que incentiva a leitura entre as crianças, além de ser uma área de estudo para os jovens; a Igreja Católica; a cantina comunitária, onde os moradores podem comprar alguns itens do seu dia a dia a preço de custo; o posto de saúde; o parque para as crianças; e a escola estadual. Também existe um espaço reservado aos esportes, com campo de futebol e uma área para voleibol.

Uma grande marca da comunidade é a religiosidade, manifestada por cultos dominicais, novenas, terços, entre outras práticas. O seu evento principal é a Festa do Divino Espírito Santo, comemorada 40 dias após a Páscoa, no Dia de Pentecostes. A cerimônia religiosa é seguida de procissão terrestre nas passarelas da vila e procissão fluvial, indo da vila até a foz do Igarapé do Arraiol, culminando com uma festa social. O futebol é outra tradição da comunidade, cujo primeiro time foi formado no ano de 1958.

Entretanto, é nas suas práticas agrícolas e na interação com a floresta que se encontra a principal manifestação cultural. Tradicionalmente a comunidade se desenvolveu no entorno das suas práticas agrícolas e dos produtos da natureza. Ao longo dos anos, essas relações foram se modificando e a produção foi se diversificando. No passado, ocorria a extração predatória de palmito, e grandes extensões dessa espécie eram derrubadas. Hoje o fruto do açaí é o principal produto, e o seu manejo proporciona a conservação das matas de várzea. Dessa forma, a prática do SAT-açaí tem se aprimorado ao longo dos anos, por meio da seleção e do enriquecimento de espécies nativas, e da preocupação em conservar os bens naturais para as gerações futuras.

Segundo Lopes (2017), o folclore arraiolense traz consigo diversas manifestações, crenças, crendices, buzões, lendas, entre outras expressões culturais da região, as quais se baseiam nas vivências caboclas e estão intimamente ligadas à sua relação com os rios e as

florestas. Entre as lendas, destacam-se: a Malinesa do Boto, na qual moças ficavam desacordadas por um longo tempo e eram tomadas por uma inexplicável força, e somente os curandeiros locais conseguiam acalmá-las, e o Dono da Enseada, um espírito que se manifesta quando alguma pessoa desrespeita sua “pessoa” ou a ordem local. A lenda da Samaumeira traz consigo um mistério, como contam os antigos moradores ainda hoje vivos. Quem passa próximo a essa grande árvore ouve vozes e visagens de crianças.

Projeto Semear – Produção de Sementes Florestais e Crioulas em Comunidades do Arquipélago do Bailique

O Projeto Semear surgiu a partir da parceria entre a Embrapa Amapá, a Comunidade do Arraiol do Bailique e a Associação das Comunidades Tradicionais do Bailique (ACTB), com o apoio da Secretaria de Extrativismo e Desenvolvimento Rural Sustentável do Ministério do Meio Ambiente (MMA). Teve como objetivo principal apoiar o fortalecimento do viveiro florestal e a implementação de uma área de coleta de sementes (ACS), com ênfase no açaí, a fim de habilitar seu cadastro no Registro Nacional de Sementes e Mudanças (RenaseM) e ampliar sua comercialização. Transversalmente, o projeto buscou ampliar os espaços de formação por meio de pesquisa participativa, treinamentos, intercâmbios com foco na conservação dos recursos naturais, levantamento da agrobiodiversidade, valorização e divulgação dos conhecimentos e dos produtos locais.

Para isso, a Embrapa Amapá buscou trabalhar com uma rede de parceiros e colaboradores, os quais foram essenciais para o alcance dos resultados dessa iniciativa, tais como: a ACTB e o Grupo de Trabalho Amazônico (GTA), que se destacaram em todas as etapas de mobilização comunitária; o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e a empresa Nuance, que atuaram na construção participativa do plano de negócios; o Laboratório de Sementes e Mudanças da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Lasem), que participou das capacitações e da implementação da Área de Coleta de Sementes Comunitária; o Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas

do Estado do Amapá (Iepa), a Natura e o Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB), que se destacaram na realização do curso de boas práticas para o manejo e produção de óleos vegetais (andiroba e pracaxi); e a Rede de Sementes do Xingu (RSX), que atuou no intercâmbio de experiências entre os produtores.

O Projeto Semear foi realizado em diversas etapas, apresentadas a seguir:

1. Assinatura do Termo de Consentimento Prévio e Informado pelas famílias participantes do projeto.
2. Formalização de Acordo de Cooperação Técnica com a ACTB.
3. Realização de 13 treinamentos (mapeamento participativo, sementes, plano de negócios, comunicação, manejo de açai-zais, boas práticas para produção de óleos vegetais, etc.), que envolveram mais de 200 agentes multiplicadores, entre produtores, estudantes, técnicos extensionistas, em parceria com diversas instituições.
4. Implementação de uma área de coleta de sementes comunitária, com 16 coletores e 153 árvores cadastradas de 13 espécies florestais de interesse econômico.
5. Realização de um diagnóstico socioeconômico, produtivo e etnobotânico.
6. Realização de mapeamento participativo do uso e ocupação do solo da comunidade.
7. Realização de intercâmbio de experiências com a RSX.
8. Elaboração do Calendário Produtivo 2018 da comunidade Arraiol do Bailique, documentos técnicos e cartilhas.

O Projeto Semear buscou levantar e valorizar o conhecimento local sobre a agrobiodiversidade do Bailique, e teve a participação ativa da comunidade. O SAT-açaí merece especial atenção pelo grande impacto que tem no modo de vida dessas populações. O projeto apoiou a comunidade na elaboração de um calendário produtivo e integrou a

produção extrativista ao roçado, como ferramenta de registro e monitoramento dos ciclos produtivos das espécies.

Com o apoio da professora dra. Fátima Piña-Rodrigues (UFSCar/Lasem), foi possível aprofundar a discussão sobre as espécies florestais nativas de maior valor (atual ou potencial) e estudar sua ecologia, manejo, técnicas de coleta e beneficiamento, por meio de treinamentos na comunidade. Depois partimos para a parte prática de seleção e demarcação em campo de árvores matrizes com características desejáveis e delimitação de uma Área de Coleta de Semente Comunitária (ACSC) abrangendo seis propriedades. Realizou-se o cadastro dos coletores de sementes no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), porém a ACSC não pôde ser registrada. Nesse sentido, foi construído um plano de negócio para o viveiro (Guabiraba et al., 2016), e o desafio da comunidade é decidir sobre como vai formalizar o empreendimento, se por meio de pessoa jurídica (cooperativa, consórcio agrícola, simples nacional) ou física (microempreendedor individual, declaração de aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Pronaf). Essa é uma decisão que divide opiniões na comunidade, pois, segundo eles, ameaça a natureza “comunitária” do trabalho. Também há o entendimento de que formalizar um novo empreendimento trará custos e responsabilidades que não estão prontos a assumir.

Um dos principais resultados do trabalho foi a capacitação dos moradores quanto a novas ferramentas de gestão e comunicação do viveiro para a promoção das vendas. Entre os jovens, discutiu-se sobre a importância do empreendedorismo e da necessidade de divisão de papéis e responsabilidades, bem como sobre a reafirmação dos valores, da missão e da visão de futuro, conforme apresentado a seguir.

- Valores: Pautados em união e confiança, respeito, parcerias, dedicação e compromisso, transparência nas ações, qualidade dos produtos e serviços e sustentabilidade.
- Visão: Serem reconhecidos como produtores(as) de mudas e sementes florestais certificadas, incentivando a preservação ambiental e a geração de emprego e renda para a comunidade

do Bailique, com o aumento das famílias envolvidas, crescimento da produção e conquista de novos mercados.

- Missão: Promover o desenvolvimento socioeconômico local por meio da produção e comercialização de sementes e mudas de qualidade, assegurando a conservação da biodiversidade e a recuperação das áreas degradadas de outras regiões.

Por fim, destaca-se ainda que a função principal do viveiro, desde a sua criação, foi o plantio de sementes para as futuras gerações. A preocupação da comunidade é enriquecer suas florestas, buscando sistemas cada vez mais biodiversos. Além de compartilhar o conhecimento local e agregá-lo ao conhecimento técnico, gerando oportunidades para as novas gerações.

Desafios e perspectivas

O grande desafio é criar oportunidades para que os jovens tenham acesso à educação. Hoje existe o ensino fundamental, mas, para cursarem o ensino médio, os alunos seguem para outras comunidades da região. Entretanto, o maior problema está no desejo de ingressar no ensino superior, pois, para isso, os jovens necessitam ir para a capital do estado. O desafio seguinte é o mercado de trabalho na região, que está resumido ao serviço público e não é capaz de absorver a quantidade de jovens graduados.

Na tentativa de contornar essa questão, em 2017, a comunidade conquistou um novo projeto, o Centro de Vocação Tecnológica, que trouxe o Curso Técnico em Alimentos da Agrobiodiversidade, coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) em parceria com a ACTB e outras instituições. Já prevendo o final desse projeto, criou-se a Associação da Escola Família do Bailique, cuja proposta é que a estrutura e o aprendizado do CVT deem origem a uma escola secundarista de ensino técnico.

Outro desafio da comunidade é a comercialização de seus produtos. A produção agrícola fica no mercado local, e os atravessadores constituem o principal canal de vendas. Uma parte (30%) da produção é

absorvida pelo Programa de Aquisição de Alimentos. O açaí é o único produto que chega aos mercados nacional e internacional, por intermédio de atravessadores ou da cooperativa AmazonBai (recém-criada), porém os principais mercados ainda são Macapá, AP, e Belém, PA.

Se, por um lado, o SAT-açaí tem garantido a segurança e a soberania alimentar das famílias, além de contribuir para a conservação da biodiversidade, por outro a comunidade enfrenta enormes desafios de acesso a políticas públicas básicas, como saúde, saneamento, água, luz, coleta de resíduos sólidos, comunicação e transporte. Essas questões impõem limites ao desenvolvimento de cadeias de valor dos produtos da sociobiodiversidade, além de impedir a transformação local desses produtos em bens de consumo de maior valor agregado, perpetuando o desequilíbrio socioeconômico entre as populações rurais e urbanas.

A despeito disso, a Comunidade do Arraiol do Bailique tem a seu favor a união e o trabalho, assim como a obstinação para enfrentar e superar as dificuldades. Além disso, conta com uma rede de parceiros e uma juventude comprometida com o desenvolvimento da comunidade local.

Referências

- AMAPÁ. Ministério Público Federal. Procuradoria da República do Amapá. **Recomendação n. 19/2015**. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/ap/atuacao/recomendacoes/recomendacoes-2015/019_2015.pdf>. Acesso em:
- CAMPOS, C. E. C.; NAIFF, R. H.; ARAÚJO, A. S. de. Censo de aves migratórias (Charadriidae e Scolopaciidae) da Porção Norte da Bacia Amazônica, Macapá, Amapá, Brasil. **Ornithologia**: Revista Científica do Cemave, v. 3, n. 1, 2008.
- EULER, A. M. C.; AMORIN, J.; GUABIRABA, I. R. Diagnóstico socioeconômico e do sistema de agricultura tradicional praticado na comunidade Arraiol do Bailique (Amapá). In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE AGROECOLOGIA, 6.; CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 10., 2017, Brasília, DF. **Resumos...** Brasília, DF: ABA, 2017.
- GUABIRABA, I. R.; EULER, A. M. C.; SANTANA, C. J. Plano de negócios para um viveiro florestal comunitário no Arquipélago do Bailique. In: JORNADA CIENTÍFICA DA EMBRAPA AMAPÁ, 2., 2016, Macapá. **Resumos...** Macapá: Embrapa Amapá, 2016.
- IMAFLORA. **Resumo público de avaliação de certificação do manejo florestal da Associação das Comunidades Tradicionais do Bailique – ACTB**. Piracicaba, 2016.

Disponível em: <<http://fsc.force.com/servlet/servlet.FileDownload?file=00P3300000jPVJkEAO>>. Acesso em: 5 dez. 2018.

LOPES, J. C. S. **Arraiol do Bailique, uma história de resistência cabocla**. Macapá: [s.n.], 2017. 30 p. Cartilha.

OLIVEIRA, M. S. P.; CARVALHO, J. E. U; NASCIMENTO, W. M. O. **Açaí (*Euterpe oleracea* Mart.)**. 2017. Disponível em: <www.agencia.cnptia.embrapa.br/Repositorio/Oliveira+et+al.%252C+2000_000gbtehk8902wx5ok07shnq9dunz6i0.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2017.

QUEIROZ, J. A. L. de; MOCHIUTTI, S. **Guia prático de manejo de açaizais para produção de frutos**. 2. ed. rev. e ampl. Macapá: Embrapa Amapá, 2012. 35 p.